

Edição comemorativa



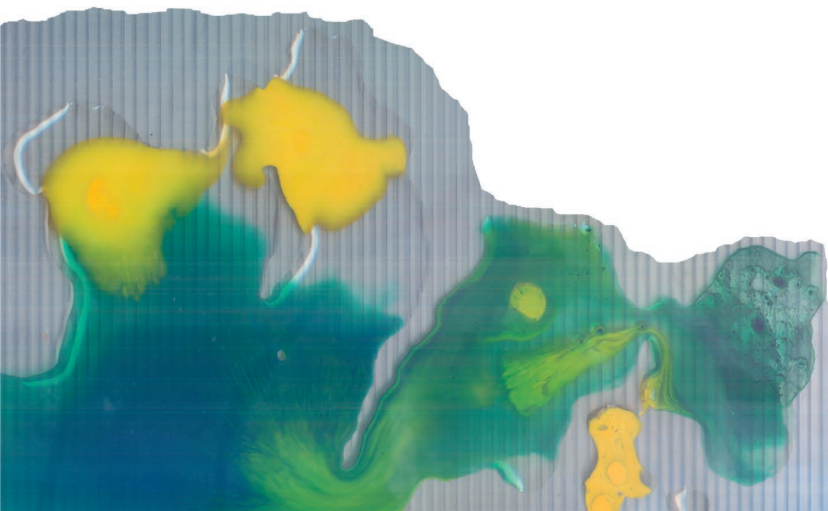
Instituto de Estudos Sócio-Ambientais

BOLETIM GOIANO DE GEOGRAFIA

v. 24, n. 1-2, jan./dez. 2004

VI Congresso Brasileiro de Geógrafos

Setenta anos da AGB: as transformações do
espaço e a geografia do século XXI



Artigos

OTRABALHO DE CAMPO: REFLEXÕES SOBRE A TRADIÇÃO GEOGRÁFICA

FIELDWORK: THOUGHTS ON GEOGRAPHIC TRADITION

Cássio Eduardo Viana Hissa - UFMG
cassioevhissa@terra.com.br

Janete Regina de Oliveira - UFMG
janeteregina@uol.com.br

Resumo

O presente trabalho tem o objetivo de refletir sobre uma das tradições geográficas que, ao longo do processo de formação do pensamento científico, sempre esteve presente enquanto forma de discurso, enquanto recurso pedagógico, também como instrumento metodológico. O trabalho de campo contribui para o fortalecimento da geografia, desde a sua gênese. Das viagens exploratórias e de conquistas aos trabalhos de campo a serviço da produção do conhecimento: o exercício é visto como um instrumento do olhar retínico, da observação tomada como sistemática e da descrição. Entretanto, no contexto das transformações experimentadas por todos os saberes, especialmente porque compreendido como prática – tomado como movimento na direção do supostamente concreto –, sobretudo porque também tende a negligenciar processos de teorização, o trabalho de campo pode se prestar aos movimentos de fortalecimento conceitual da disciplina. Nesses termos, refletir teoricamente sobre os trabalhos de campo implica em pensar conceitualmente sobre os seus significados, sobre a sua natureza e seus papéis nos processos pedagógicos e nos que dizem respeito à produção do conhecimento. Teorizar sobre os trabalhos de campo implica em fortalecer a tradição: recuperando-a e aproximando-a das tendências que fazem a vanguarda da geografia.

Palavras-chave: Trabalho de campo, geografia, produção do conhecimento.

Abstract

The present work aims to reflect on some of the geographic traditions which, throughout the process of shaping scientific thought, has been present as a form of discourse and as a pedagogical resource, as well as a methodological instrument. Since its genesis, fieldwork has contributed to strengthening Geography. From exploratory excursions and achievements to fieldworks that serve the production of knowledge: the exercise is seen as an instrument of a direct approach, of observation taken as systematics and of description. However, in the context of such transformations experimented by all fields of knowledge, especially being understood as practice – taken as a movement on the direction of what is supposedly concrete –, above all since it also tends to neglect the processes of theorization, fieldwork can render itself to the movements of the conceptual strengthening of Geography. Namely, to theoretically reflect on fieldwork implies thinking conceptually about their meaning, their essence and their role in the pedagogical processes as well as in those that represent knowledge production. To theorize about fieldwork implies strengthening the tradition: recovering it and bringing it closer to the tendencies that make up the actuality of Geography.

Key-words: Fieldwork, geographic, knowledge production.

Introdução

O objetivo deste trabalho é refletir sobre algumas tradições da geografia que, ao longo da história da estruturação do pensamento, confinadas ao interior da disciplina, ainda perduram sem que sejam, de maneira aprofundada, questionados os seus significados. Assim, ainda pouco se fez para elaborar, conceitualmente, o conceito de paisagem a partir de uma teoria da imagem pertinente, também, ao saber geográfico. Do mesmo modo, são pequenos os investimentos realizados com o objetivo de refletir teoricamente sobre os significados que podem cobrir os conceitos relativos às superfícies. O mesmo deve ser dito sobre as formas, tanto como o que é visível e passível de abordagem pela disciplina. Apesar do grande esforço de desenvolvimento epistemológico, a disciplina ainda se percebe, e, assim, repassa a imagem que elabora sobre si mesma, como um saber eminentemente prático, voltado para as *coisas concretas* e comprometido com o *mundo real*. A disciplina ainda se percebe, através do exercício dos profissionais e dos discursos produzidos por uma maioria, como a *disciplina do concreto e do mundo real*: como se o real fosse o visível, o que assumisse o mundo das formas, das imagens e das superfícies. A observação no campo, denominada *direta*, é tomada como o recurso indispensável para que seja viabilizado o trabalho do geógrafo. Mas, pouco, ainda, são discutidos os *significados do trabalho de campo na produção do saber geográfico*. Quase sempre, apesar dos importantes avanços teóricos experimentados pela disciplina, parte-se do princípio de que o campo é o lugar, *fora do eu*, onde se dão as observações a partir das quais são produzidos os saberes geográficos. Assim, os trabalhos de campo são percebidos, ainda, como uma *visita ao mundo onde se encontra a verdade a ser desvelada* – conectada às formas, às superfícies. Apesar da brevidade e das inevitáveis simplificações, o presente trabalho aponta para algumas possibilidades de abordagem às referidas questões.

As imagens, as superfícies e o olhar

A geografia, por mais que tenha avançado nas discussões epistemológicas, por mais que tenha desenvolvido reflexões acerca da natureza do seu objeto e, finalmente, evoluído no que se refere ao estudo e aplicação de metodologias e de técnicas de vanguarda, ainda, vê-se presa a algumas tradições fundamentais. Não que deva negá-las. Pelo contrário. O que se percebe

é uma relativa fragilidade no que tange às discussões conceituais de modo a superar dilemas do passado.

A geografia foi e ainda é percebida e tratada, por geógrafos assim como por outros profissionais, como a disciplina voltada para o estudo das superfícies e das formas visíveis. Assim, a despeito da atual multiplicidade de abordagens, ainda parece prevalecer, na geografia, o significado do nome: a *escrita da terra*. Essa *terra da geografia*, conforme os paradigmas predominantes, verificados na prática e na construção dos discursos sobre a disciplina – que circulam na sociedade –, é feita de superfícies, de formas, de imagens. Em princípio, não há porque negar a referida leitura. Entretanto, afirma-se que a geografia é, também, feita disso: não é, a disciplina, feita somente da abordagem às formas, às superfícies, àquilo que se põe à mostra. Mas, afirma-se também: muito pouco se fez, na geografia, para discutir conceitualmente o significado e a natureza dessas superfícies, formas e imagens. A geografia, como decorrência desse relativo pequeno esforço, fornece uma distorcida imagem sobre os seus próprios significados.

Formas, superfícies e paisagens são feitas de imagens. A geografia propõe-se ao seu estudo, buscando a sua compreensão, a sua leitura, a sua representação, a sua interpretação. Pode-se dizer que seja disso feita a geografia, para que se restrinja às definições e compreensões tradicionais da disciplina: do estudo que procura desenvolver sobre superfícies, formas, paisagens. Entretanto, o estudo das superfícies implica o estudo de processos através dos quais as imagens, perceptíveis aos sentidos – especialmente ao olhar –, são produzidas. De um modo geral, os estudos desses processos têm sido negligenciados, diante da prevalência dos paradigmas que interpretam a disciplina como o estudo do que está diante dos olhos. Também por isso, provavelmente, pensar as superfícies e as imagens – destituídas de sua natureza – tem sido uma tarefa difícil, a despeito da sua importância.

Não há a imagem em si mesma: as imagens são os olhos que vêem as imagens. Imagens são representações, portanto. Os olhos são, por sua vez, mediadores do processo de interpretação do que se vê.

Percebe-se a escuridão (invisibilidade) e a imagem (luz) através de mediadores. Diz-se que se percebe a imagem de forma indireta. Não se pode olhar e ver de forma objetiva, absoluta, direta. Vê-se através de espelhos. Vê-se através de imagens interiores das quais os olhos são apenas um instrumento. Assim, também pertencente ao território dos olhos – controlados pelo pensamento – a imagem é sempre um produto da subjetividade. Entre-

tanto, nem por isso abdica da precisão: clama por ela, em sua ambigüidade e em sua dissimulação (HISSA & MELO, 2004, p. 2).

O movimento de compreensão das imagens, das paisagens, das superfícies, é o de procurar a imagem feita de escuridão e de invisibilidades. Isso significa que a existência das imagens está associada à escuridão e a sua compreensão remete o pensamento – que gravita em torno do conhecimento – para a sua natureza invisível. Além disso, não há uma imagem em si mesma – assim como não existiria uma essência ensimesmada, feita da sua própria natureza. O estudo das superfícies, portanto, remete os olhos para a invisibilidade de processos que, também, são elementos de motivação da existência das coisas, dos objetos, dos seres. Sobre as superfícies, poder-se-ia dizer:

Pode-se pensar que as superfícies sejam passagens entre olhos e interiores, entre o exercício do olhar, que se põe a ver, e o que recobre o mundo da invisibilidade. Tal pensamento concede, às superfícies, a condição teórica de camada e de recobrimento. As superfícies, assim concebidas, viveriam, diante dos olhos, a sua condição de escurecer o que não pode ser visto. As superfícies, assim compreendidas, nesses termos teóricos, seriam, ainda, um instrumento de dissimulação do invisível, do que não pode ser visto. As superfícies, assim concebidas, tais como máscaras, seriam a própria escuridão. Mas, logo adiante, o pensamento concede uma alternativa teórica que refaz a imagem conceitual das superfícies. Ele se interroga, na reflexão: se as superfícies são a escuridão, elas são a própria possibilidade da luz (HISSA & MELO, 2004, p. 9).

Entretanto, há de se considerar, também, a existência de superfícies invisíveis, supostamente abstratas, ainda que atuantes e processuais. A própria globalização pode ser compreendida como uma superfície invisível, que muitas vezes assume uma natureza eletrônica e digital, recobrando menos ou mais intensamente uma série de outras superfícies. Misturam-se e se sobrepõem: superfícies visíveis e invisíveis; luzes e sombras. Olhares teóricos, conceituais, deveriam se desenvolver, ainda mais, rotineiramente, na disciplina, de modo a construir as leituras e as interpretações necessárias, tanto como consistentes, para a compreensão do mundo e de suas relações com os lugares. Nesses termos, descrever pode ser pouco: refere-se, aqui, às descrições clássicas, compreendidas como relatos simples, inventários burocráticos. O movimento da ciência é o que concede possibilidades de uma melhor compreensão dos lugares que implica a compreensão dos homens, de sua vida, de seus projetos, de suas frustrações. Sem esse movimento do saber,

não há qualquer possibilidade de transformação do que é necessário para construir vidas melhores. A ciência deixa de incorporar menos sabedoria.

Descrições

Diante do objeto, aparentemente distante dos olhos e pronto para ser capturado pelo olhar, põe-se o sujeito a observar. Da observação, que se cruza com um conjunto de outras informações formativas, podem surgir três formas de leitura: a) a descrição; b) a explicação; c) a interpretação. Todas essas três formas de leitura, por sua vez, podem ser trabalhadas de maneira articulada e interdependente.

De todas as formas de leitura, a descrição pode ser apresentada como a mais básica. Compreendida como relato, como inventário, a descrição tornou-se uma prática incorporada pelas tradições da geografia. Em diversas circunstâncias, a descrição, originária dos trabalhos de campo, é tomada como o pré-requisito, fornecido pela geografia, para as tomadas de decisão: trata-se, aqui, de uma avaliação equivocada. As diversas modalidades de planejamento sempre se serviram do conhecimento – supostamente contido em diagnósticos – que, também, incorporam as descrições. Entretanto, nem sempre as descrições podem ser avaliadas como o conhecimento necessário para a ação política.

Muitas vezes confundida com o método (VIDAL DE LA BLACHE, 1982) ou com a metodologia *própria da geografia*, a descrição resulta do encontro do olhar – que se transforma em *olhar que observa para descrever* – com o objeto. A despeito de se escolher o melhor lugar físico, à espera da melhor luminosidade, do melhor momento, quem se põe a descrever parece experimentar o mesmo exercício do fotógrafo: com o seu olhar retínico vai, na direção do objeto, sem que se dê conta, de um conjunto de olhares interiores, subjetivos, formadores de imagem. A descrição, tal como a fotografia, é a manifestação de olhares e de imagens interiores originários do próprio sujeito. Tal como anunciam as neurociências de vanguarda, há outros fatores que elaboram a interpretação da subjetividade do olhar, tanto presente na fotografia como na *arte da ciência*: a subjetividade do olhar está no fato de que o sujeito está no objeto que vê:

Os sentimentos são mentais como qualquer outra percepção, mas os objetos imediatos que lhes servem de conteúdo fazem parte do organismo vivo do qual os sentimentos emergem [...] o objeto imediato encontra-se dentro do corpo e

não fora dele. O cérebro pode atuar diretamente sobre a estrutura do objeto que está em vias de perceber. (DAMÁSIO, 2004, p. 98-99)

A descrição, pelos geógrafos clássicos, sempre foi tomada como objetiva. A expectativa da descrição objetiva sempre foi criada pelos geógrafos e pela geografia. David Harvey é lembrado por Paulo César da Costa Gomes, quando solicitava, da descrição, algo de realista e de racional: “A propósito da descrição, Harvey acreditava, também que é necessário que ela seja realista e racional [...] a descrição científica formal está na base da explicação” (GOMES, 2002, p. 260). No entanto, a leitura de Paulo César da Costa Gomes, aparentemente, também se submete às referências da modernidade, aos modelos, critérios e apelos dos paradigmas da ciência moderna: “Se a geografia tradicional jamais chegou à explicação, foi em parte, porque ela adotou um modelo de descrição que não corresponde aos critérios da ciência moderna e teórica” (GOMES, 2002, p. 260).

Mas, não seriam tais critérios os que criam a expectativa de que é possível fazer, da descrição, uma alternativa de leitura objetiva dos objetos que fazem o espaço, de fixos e de fluxos como quis Milton Santos (1978, 1988)? Não seriam tais critérios os que desenvolvem a expectativa de que é possível a passagem – independentemente de como ela se realiza – da descrição à explicação? Além disso, diante das experiências trabalhadas pelos saberes de vanguarda, como refletir sobre a expectativa e sobre as promessas da ciência moderna de *explicar o mundo sob leitura*? (explicar o mundo e a realidade, tal como são: aos olhos de quem?). A geografia, no seu sonho de ser ciência e nada mais, como todos os saberes científicos, pouco desejou realizar as necessárias e viáveis interpretações e leituras do que define como de seu interesse.

Há descrições que podem ser bastante esclarecedoras do que se apresenta como “objeto referente”, posto que evocam imagens necessárias à compreensão do que se focaliza. Estas se apresentam como possibilidades de *iluminação das superfícies*, para que, mais adiante, leituras mais complexas possam ser realizadas. Algumas outras descrições, por sua vez, já contêm, em si mesmas, como se não fossem apenas descrições, elementos dessa leitura complexa tão necessária à compreensão do que está “diante dos olhos”. Sobre elas, pode-se dizer: não são mesmo apenas descrições; são feitas de imagens, também originárias do interior do sujeito, de imagens teóricas que se apresentam para descortinar a aparente simplicidade da aparência dos objetos; são feitas da compreensão das superfícies, das formas e da aparência como ambientes complexos – repletos de vazamentos, de

superposições incompletas e de interiores que se põem à mostra através da reflexão teórica.

O trabalho de campo

O trabalho de campo mantém-se como uma das tradições básicas do conhecimento geográfico. Pode-se afirmar que se trata de um instrumento importante para o desenvolvimento dos saberes espaciais, nos quais, também, se insere a geografia. Independentemente dos objetivos que possam justificá-lo, o trabalho de campo pode ser útil, por exemplo, nas práticas de ensino. Trata-se de uma possibilidade de compreensão dos lugares, das paisagens. Os trabalhos de campo, desde que acompanhados de referências teóricas, podem constituir-se de indispensável instrumento da ampliação das perspectivas conceituais dos estudantes. Mas, estudar é, sempre, pesquisar.

Os trabalhos de campo nasceram, na geografia, também, com as viagens exploratórias voltadas para o conhecimento e para a conquista. Foram fortalecidos, como prática de natureza metodológica, nos primórdios do processo de sistematização da disciplina. Os trabalhos de campo são indispensáveis para o estudo, para a pesquisa que se refere aos processos de caráter espacial. Entretanto, a *ida ao campo* não significa, apenas, o *movimento na direção do que pode ser descrito*. Trata-se do movimento na direção do que necessita ser interpretado, representado. Além disso, o campo não deve ser visto como o *mundo que contém a realidade* – que, por sua vez, esconde, por trás das aparências, a verdade das coisas. Como observara Saramago (2001), a realidade é feita dos nossos olhos, de olhos teóricos carregados de história.

Tradições da geografia: a dos trabalhos de campo, a do olhar, a da observação visual, a das descrições. Os tempos da geografia já não são os do início do século XX. Desde a segunda metade do século passado, a disciplina se movimenta no sentido de se fortalecer teoricamente e de fornecer maior consistência aos conceitos dos quais se serve para construir o seu discurso. Este movimento se desenvolveu em um contexto de importantes transformações sócio culturais, técnicas e econômicas, na escala do mundo e com importantes repercussões no âmbito de todos os saberes. Todos esses movimentos poderão repercutir, de algum modo, nas sublinhadas tradições da geografia. No que se refere ao trabalho de campo, algumas das mencionadas repercussões mereceriam o destaque: a) as descrições, originárias dos trabalhos de campo, poderão, progressivamente, adquirir maior consistência de

modo a fazer com que simples relatos possam conter embriões da interpretação; b) as descrições, originárias da observação em campo e que se referem às imagens poderão, pouco a pouco, incorporar conteúdos conceituais de modo a evocar, na escrita, imagens consistentes e representativas do “objeto referente”; c) os trabalhos de campo dos quais se originam descrições e interpretações, quando se referem às imagens, poderão, paulatinamente, se servir de uma teoria da imagem a ser apropriada e desenvolvida pela geografia; d) os trabalhos de campo, assim como as experiências interpretativas que deles decorrem, poderão, também, ser fortalecidos por esforços de teorização acerca de processos correlatos como os que se referem aos questionários e entrevistas. Todas as anotações dizem respeito ao necessário esforço teórico-metodológico para que a disciplina possa, através dos trabalhos de campo, desenvolver maiores possibilidades de construção de um discurso progressivamente mais consistente e mais prático: para a vida dos saberes, em especial da geografia, para a vida dos indivíduos e da sociedade.

Considerações finais

Ao longo da história, a geografia foi desenvolvendo uma imagem, que se refere a si própria, de uma disciplina predominantemente prática, muito pouco dada às abstrações, que trata de *coisas concretas*, que aborda *objetos feitos de realidade*. Não é sem razão, portanto, que a geografia experimentou um relativo e importante atraso no que se refere às incursões, tão necessárias a qualquer ciência, no campo da teoria, dos métodos e da epistemologia. Não é sem motivo, também, que, até hoje, estudantes e até profissionais, sentem-se pouco à vontade diante de debates de caráter teórico. Mas, como fazer ciência sem teorizar, sem refletir (considerando que toda reflexão é de natureza teórica)?

O início da trajetória da geografia, sem que sejam considerados os antecedentes da formação da disciplina científica – que, também, são muito importantes para a compreensão do futuro desse saber –, já foi marcado, sobretudo, pelas viagens exploratórias. A geografia (ou o conhecimento geográfico) foi desenvolvida a partir da ciência que se desenvolveu sobre o mundo (sobre as particularidades, sobre processos e fenômenos em conexão, sobre novas terras, sobre a geometria do mundo). Não há qualquer trabalho de investigação acerca das origens da geografia, sobre o processo de edificação do conhecimento geográfico, que negligencie a importância desse *conhecer o*

mundo no processo de sistematização da disciplina (ANDRADE, 1987; MORAES, 1989; GOMES, 2002; SODRÉ, 1982). Não se deseja discutir tal matéria. Entretanto, compreender a geografia, também, como um produto desse esforço de conhecer o mundo, de mapeá-lo, de tê-lo sob algum controle, implica admitir a importância das explorações e de seus efeitos na constituição desse saber. A geografia existe, tal como é, em princípio, conforme tais referências, porque se trata de uma disciplina *feita do mundo que se conheceu*. Antes disso, nesses termos, seria uma disciplina incompleta, uma geografia destituída do mundo como referência empírica. As viagens, todas elas, anteriores ao processo original de sistematização do conhecimento geográfico, tal como se discute a gênese dessa ciência, teriam sido indispensáveis à constituição da disciplina e, conseqüentemente, à formação do pensamento geográfico. Os trabalhos de campo devem ser vistos, também, como um desdobramento dessa trajetória. Entretanto, existem distâncias empíricas e teóricas – desnecessário dizer que todo empírico é feito do que é teórico – entre o mundo que concedeu a gênese da geografia e o mundo contemporâneo, com seus ritmos, com sua complexidade descortinada que desampara os mais descuidados. Os trabalhos de campo, no contexto da ciência que se integra aos amplos campos transdisciplinares, devem ser rediscutidos e valorizados conforme uma nova ética que perpassa, na contemporaneidade, todos os saberes (HISSA, 2002). O mundo de hoje demanda uma nova ciência, feita de uma *nova ética* – que reformule questões e conceda respostas às interrogações tão presentes na vida cotidiana dos lugares e das pessoas.

Os trabalhos de campo, diante das anotações feitas, também devem ser compreendidos como um importante instrumento de transformação. Por serem compreendidos como eminentemente práticos, devem ser discutidos teoricamente: a sua natureza, os seus propósitos, os resultados que obtêm, as técnicas que incorporam. Tais iniciativas fortalecem a tradição, recuperam a sua natureza crítica, valorizam a prática então dotada de reflexão incessante.

Referências

ANDRADE, Manuel Correia de. *Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico*. São Paulo: Atlas, 1987.

DAMÁSIO, António. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GOMES, Paulo César da Costa. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

HISSA, Cássio Eduardo Viana; MELO, Adriana Ferreira de. *A imagem*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2004. (Mimeografado).

HISSA, Cássio Eduardo Viana. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *A gênese da geografia moderna*. São Paulo: HUCITEC, 1989.

SANTOS, Milton. *Por uma nova geografia: da crítica da geografia à geografia crítica*. São Paulo: HUCITEC, 1978.

_____. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. São Paulo: HUCITEC, 1988.

SARAMAGO, José. In: JANELA da Alma. Direção: Walter Carvalho; João Jardim. [S.L.], 2001. 1 DVD (73 min.), color., legendado.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Introdução à geografia: geografia e ideologia*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. As características próprias da geografia. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. *Perspectivas da geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982.

Recebido para publicação nos Anais do
IV Congresso Brasileiro de Geógrafos no mês abril de 2004